

ENFURNADO

A CEREJA EM CIMA DO BOLO

OLIVIER SAUSSE
GROUPE SPÉLÉO BAGNOLS MARCOULE

Nesta manhã do dia 17 de junho de 2001 os membros da expedição BAHIA 2001 se levantam um após o outro para tomar, como sempre, o café da manhã no bar do Gildeón.

Sentados diante de um bom café (sem açúcar), as discussões a respeito dos planos para o dia começam. Ezio exclama: "várias opções são possíveis". Este dia é, sem dúvida, um dia particular porque é o último dia de exploração na BAHIA.

De volta à escola, nosso lugar de acampamento, gentilmente emprestado pela diretora, as equipes se formaram no quadro-negro de uma das salas de aula.

Marc me informou de seu desejo de ir dar uma olhada na Gruta do Enfurnado. Tratava-se de um sumidouro que nosso amigo brasileiro Augusto tinha explorado há uns 10 anos. Mas por falta de tempo e de meios, ele não tinha topografado. Segundo uma vaga descrição, existiria 1km de galerias com rio que terminava em um lago sifonado!

Após o grande cânion da gruta Baiana e da rede Baiana, decidi seguir Marc. Jean-Loup decidiu igualmente participar desta descoberta. Os brasileiros não pareciam muito animados para nos acompanhar, mas precisávamos de uma quarta pessoa para conseguir fazer uma boa topografia da gruta.

Finalmente, Benoît, chamado de

"Bento das boas dicas", é quem possui o dom para sentir as boas oportunidades, e decidiu juntar-se a nós.

E então nossa pequena equipe pôde começar a caminhada rumo a uma nova aventura! 45 minutos de estrada e 15 minutos a pé nos separavam da entrada do Enfurnado, formada por uma bela boca de apenas 10m de altura e 30m de largura. Uma vez lá, equipamos-nos e com nossas bóias dependuradas em nossas mochilas atacamos a topografia dessa rede subterrânea.

Logo na entrada ficamos muito surpresos ao sentir uma forte corrente de ar! Muito estranho para uma galeria que termina em um sifão! Este fato estimulou ainda mais a nossa curiosidade.

Após alguns metros de progressão desembocamos em uma galeria fóssil coberta de restos de madeira. Durante 200m ela se alargou (20m de largura x 15m de altura) e depois encontrou com outra galeria superior. O lugar era magnífico! Que boa idéia nós tivemos de vir! Ainda mais determinados do que nunca, continuamos nossa exploração.

Esta nova entrada se dividiu em duas partes. Jean-Loup, especialista da trena, se adiantou com muito entusiasmo até a superfície pelo primeiro caminho e não demorou muito até ouvirmos um pequeno grito que logo chamou nossa

atenção. O que será que ele descobriu? Oh, nada! Foi só uma abelha que o picou no topo da cabeça, logo ele que é alérgico.

Chegou até nós um pouco preocupado, e explicou que se ele começasse a inchar como um balão precisaria utilizar medicamentos que estavam dentro de sua mochila. Marc e Benoît não ficaram muito "entusiasmados" para fazer a injeção. Caso houvesse necessidade, me propus a fazê-la.

Depois disso, decidimos continuar nossa progressão, mas um pouco preocupados. Topografamos 500m da rede fóssil. Deixamos algumas entradas laterais para as próximas equipes. Jean-Loup parecia em ótima forma e a picada de abelha não parecia tê-lo prejudicado.

Após uma curta pausa para almoçar, chegamos, enfim, às galerias inferiores. Tínhamos reencontrado toda nossa energia. O trabalho andava muito depressa, com visadas de 40, 45, 50m. Jean-Loup se desdobrou por todos os recantos. Benoît recolhia inúmeros dados que tinha que transcrever no seu caderno. Marc berrava para nos obrigar a andar mais devagar porque o croquis estava longe de ser evidente. Um verdadeiro formigueiro trabalhando!

Esta galeria era muito grande, com formas muito variadas, seções em rio e um imenso salão onde foram necessárias quatro visadas de

50m para medi-lo. Em seguida, o teto se abaixou e chegamos num lago de água estagnada. Não tinha dúvida nenhuma, estávamos no ponto em que o Augusto tinha parado.

Bento, que tinha acabado de calcular as distâncias no seu caderno, confirmou. Havia cerca de 1km desde a entrada, e a continuação não era muito animadora. O cheiro de vegetais em decomposição, a presença de grandes peixes brancos e a ausência de corrente de ar não deixavam muita esperança pelo futuro... O sifão não devia estar muito longe!

Mesmo assim, Jean-Loup foi o primeiro a subir na sua bóia e as visadas se sucediam nessa galeria baixa, que se parecia com esgoto...

Mas, estranhamente, após 200m de exploração ainda não encontráramos o sifão! O que isso significava? Será que havia alguma continuação?

E, então, de repente, o teto subia de novo e a galeria continuava lá bem no fundo. Nosso espanto não demorou muito. O encantamento e a alegria da descoberta tomaram rapidamente conta de nós. Era o ambiente dos grandes dias!

Mas, precisava retomar depressa o trabalho e a trena se deslocava por todos os lados com entusiasmo. Entretanto, Jean-Loup teve que fazer uma pequena parada de 10 segundos para encher sua lanterna de água. E foi neste momento preciso que uma grande explosão nos fez sobressaltar. "O que podia ter acontecido?"

Lá, a alguns metros, estava Jean-Loup, deitado no chão, resmungando: "put... merd... explodi o meu rosto quando coloquei minha lanterna de carbureto sob pressão; por onde passou meu parafuso da água?"

Aproximei-me rapidamente, temendo que o pior tivesse acontecido: "me mostra seu rosto, dói?" Um cheiro de "porco assado" tinha efetivamente invadido a galeria. Felizmente, somente a sua barba sofreu queimaduras. Um minuto depois Jean-Loup reencontrou seu parafuso na beira da água. A exploração da rede do Enfurnado podia continuar seguindo o mesmo ritmo elevado e sempre com bom humor.

As horas passaram e os metros de "première" amontoaram-se no caderno de notas de Benoît. A equipe era solidária, muito ativa, e ninguém tinha realmente vontade de parar. Íamos de descoberta em descoberta, cada uma mais surpreendente que a outra. Depois de termos parado num sifão, continuamos a exploração na galeria lateral do mesmo (dimensão: 15x20m). Esta galeria tomou proporções gigantescas, chegando a medir até 120m de largura e 25m de altura. Batizamo-la: "Galeria da Bela Amazona" por causa do nosso

encontro com uma charmosa moça montada no seu cavalo na manhã do mesmo dia.

Finalmente, conseguimos reencontrar o rio que sai de um sifão 100m rio acima, numa galeria lateral. Já era tarde e decidimos então parar. O lugar era magnífico e foi um verdadeiro suplício ter que retomar o caminho, rumo à saída, ainda mais no último dia da exploração. Para resumir, um de nossos companheiros (cujo nome não citarei), convenceu-nos de terminar a exploração com argumentos valiosos (pelo menos naquele momento)...

Uma hora e meia mais tarde estávamos, de novo, na estrada que nos levou até Descoberto, onde os outros membros da expedição BAHIA 2001 estavam, com certeza, nos esperando com uma gostosa caipirinha.

Esta descoberta foi uma das mais belas desta expedição. Foi igualmente uma experiência única que tínhamos vivido. Tínhamos topografado 3,0 km de galerias em 9 horas.

Para a continuação da exploração, deixamos "a tocha" para nossos amigos espeleólogos brasileiros, desejando-lhes boas descobertas.

Q



Galerias iniciais da Gruta do Enfurnado
Foto: Jean François Perret

Enfurnado

La cerise sur le gâteau

Olivier Sausse

Groupe Spéléo Bagnols Marcoule

En ce matin du 17 juin 2001, les membres de l'expédition BAHIA 2001 se lèvent les uns après les autres pour aller prendre, comme d'habitude, leur petit déjeuner au bar de Gildéon.

Devant un bon café (non sucré) s'amorcent les discussions sur le planning de la journée. Ezio s'exclame : "plusieurs options sont possibles". En effet, cette journée sera particulière car ce sera le dernier jour d'exploration sur la BAHIA.

De retour à l'école, notre lieu de résidence prêté gentiment par le village, les équipes se forment sur le tableau noir de l'une des salles de classe.

Marc me fait part de son envie d'aller jeter un œil à la grotte d'Enfurnado. Il s'agit d'une perte que notre ami brésilien Augusto a explorée, il y a une dizaine d'années. Mais faute de temps et de moyens, il n'avait pas eu la possibilité de la topoter. D'après une vague description, il y aurait un kilomètre de galerie avec rivière et terminus sur un lac siphonnant !

Après le grand Canyon de gruta Baiana et le réseau Baiana, je décide de suivre Marc. Jean-Loup est également partant. Les brésiliens n'ont pas l'air très emballés. Mais il nous faut cependant un quatrième larron si nous voulons topographier convenablement et efficacement le réseau.

Finalement, Benoît dit "Bento, les bons tuyaux", et qui a le don de flairer les bons coups, décide de se joindre à nous.

Et voilà ! Notre petite équipe peut donc se mettre en route pour une nouvelle aventure ! Quarante cinq minutes de piste et 15 minutes de marche nous sont nécessaires pour rejoindre l'ouverture d'Enfurnado, formée par un joli porche d'à peine 10 mètres de haut et de 30 mètres de large. Nous nous préparons, et munis de nos bouées accrochées à nos kits, nous attaquons la topographie de ce réseau souterrain !

Dès l'entrée, quelle n'est pas notre surprise de ressentir un fort courant d'air ! Très étonnant pour un réseau se terminant sur siphon ! Cette découverte stimule encore plus notre curiosité.

Après quelques mètres de progression, nous débouchons sur une galerie fossile jonchée de débris de bois. Sur environ 200 mètres, elle s'agrandit (20m de large sur 15m de haut), puis est recoupée par une autre perte du plateau. L'endroit est superbe ! Quelle bonne idée nous avons eue de venir y faire 'la topo' !

Et encore plus déterminés que jamais, nous continuons notre exploration.

Cette nouvelle entrée se divise en deux. Jean-Loup, spécialiste du décimètre se propulse à la surface par la première branche avec un certain entrain. Puis nous ne tardons pas à entendre un petit cri qui attire vite notre attention. Qu'a-t-il découvert ? Oh ! Rien, sinon qu'une abeille vient tout bonnement de le piquer sur le crâne et qu'il est allergique.

Il nous rejoint donc quelque peu soucieux et nous explique que s'il commence à gonfler comme un ballon, il faudra utiliser les sérums adéquats qui sont dans son sac. Marc et Benoît ne sont pas très "chauds" pour faire l'injection ; en cas de nécessité, je me propose de la lui faire.

Puis nous décidons de continuer notre progression, un peu inquiet tout de même. Le réseau fossile est topographié sur 500 mètres environ. Nous avons laissé quelques départs latéraux pour les prochaines équipes. Jean-Loup est en pleine forme et la piqûre d'abeille n'a pas l'air d'avoir de réaction.

Après une courte pause pour le déjeuner, nous nous jetons enfin dans les galeries aval. Nous avons retrouvé notre fougue. La "Topo" avance très rapidement avec des visées de 40, 45, 50 mètres. Jean-Loup se déchaîne dans tous les recoins. Benoît recueille une multitude de données qu'il doit retranscrire sur son carnet. Marc hurle pour nous obliger à ralentir car le dessin est loin d'être évident. Une vraie fourmière au travail !

En effet, cette galerie est très grande, avec des formes très variées, des sections en rivière et une immense salle dont quatre visées de 50 mètres ont été nécessaires pour en faire le tour. Puis, le plafond se rabaisse et nous atteignons un lac d'eau stagnante. Aucun doute ! Nous sommes au terminus d'Augusto.

Bento, qui vient de calculer les distances sur son carnet, nous le confirme. Il y a environ 1 Km depuis l'entrée et la suite n'est guère engageante. L'odeur de végétaux en décomposition, la présence de gros poissons blancs et, à l'endroit où nous nous trouvons, l'absence de courant d'air ne nous laissent guère d'espoir pour la suite... Le siphon ne doit pas être loin !

Néanmoins, Jean-Loup se lance le premier sur sa bouée et les visées s'enchaînent dans cette galerie basse qui ressemble à un égout...

Mais, bizarrement, après 200 mètres de progression, nous ne trouvons toujours pas de siphon ! Qu'est-ce que cela signifie ? Se peut-il qu'il y ait une suite ?

Et puis, d'un seul coup, le plafond se relève et la galerie continue à perte d'éclairage. Notre ébahissement n'est que de courte durée. L'émerveillement et la joie de la découverte lui succèdent très rapidement. C'est l'ambiance des grands jours !

Mais il faut se remettre rapidement au travail et le décimètre fuse de tous côtés avec entrain. Néanmoins, Jean-Loup doit faire une petite halte de 10 secondes pour remplir d'eau son ariane. Et c'est à ce moment là qu'une grande détonation nous fait tous sursauter. "Que peut-il bien se passer ?"

Là, à quelques mètres, Jean-Loup, allongé sur le sol, est en train de bougonner :

"put... merd... j'me suis fait sauter la gueule en mettant ma calbombe sous pression ; et où est passé mon pointeau ?"

Je m'approche rapidement en craignant le pire : "fais voir ton visage, ça brûle ?". Une odeur de 'cochon brûlé' avait effectivement envahi la galerie. Mais heureusement, seule sa barbe est touchée. Une minute plus tard, Jean-

Loup retrouve son pointeau au bord de l'eau. L'exploration du réseau d'Enfurnado peut continuer sur le même rythme soutenu et toujours dans la bonne humeur.

Les heures passent et les mètres de première s'amoncellent sur le carnet de notes de Benoît. L'équipe est soudée, très active et personne n'a vraiment envie de s'arrêter. Nous allons de découvertes en découvertes, toutes plus surprenantes les unes que les autres. Après avoir buté sur un siphon, nous continuons l'exploration dans le SHUNT de celui-ci (dimension 15 x 20). Cette galerie prend des proportions gigantesques, jusqu'à 120 mètres de large et 25 mètres de haut. Nous la baptisons : "la galerie de la belle amazone", suite à notre rencontre avec une charmante autochtone sur son cheval, le matin même.

Nous arrivons finalement à retrouver la rivière qui débouche d'un siphon 100 mètres en amont dans une galerie latérale. Il commence à se faire tard et il va falloir se décider à nous arrêter ici. L'endroit est superbe et c'est un vrai supplice de reprendre le chemin de la sortie, d'autant plus que c'est le dernier jour d'explo. Pour la petite histoire, un de nos équipiers (dont je ne citerai pas le nom) nous a soumis l'idée de s'arrêter avec des arguments convaincants (du moins à ce moment là...)

Une heure et demie plus tard, nous rejoignons la piste menant à Descoberto où les autres membres de l'expédition BAHIA 2001 nous attendent certainement devant une bonne "caipairinha" (Boisson locale à base de citron vert et surtout d'alcool de canne).

Cette découverte est l'une des plus belles de cette expédition; c'est également une expérience unique que nous avons vécu. En effet, nous avons topoté 3,0 km de galerie en 9 heures.

Quant à la suite, nous passons "le flambeau" à nos chers amis spéléos brésiliens et nous leur souhaitons bonne découverte. 

